

DE MUSAS À GUERREIRAS OLÍMPICAS: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NAS OLIMPÍADAS DE PARIS

Yasmim Cardoso Alexandre¹

Alice Bressan Moreira²

Miguel Rodrigues Netto³

RESUMO:

A presença de mulheres brasileiras em competições esportivas é resultado de uma longa trajetória de lutas por inclusão. Desde a estreia do Brasil nas Olimpíadas de 1920, com delegação exclusivamente masculina, até os Jogos de Paris 2024, com maioria feminina, houve importantes avanços. Este trabalho analisa a representação das atletas brasileiras, destacando o desempenho esportivo em vez da imagem ligada à beleza ou sedução. O estudo foca na judoca Rafaela Silva, na dupla campeã de vôlei de praia Ana Patrícia e Duda, e na seleção feminina de futebol, com ênfase em Priscila Silva. A metodologia inclui levantamento bibliográfico e pesquisa documental com base em matérias jornalísticas sobre os Jogos de Paris. A análise será orientada pela Análise do Discurso de linha francesa, com base em autores como Maingueneau, Charaudeau e Orlandi. Os resultados indicam mudanças na abordagem midiática, que tem dado maior visibilidade às conquistas femininas e menos ênfase a estereótipos sexistas. Embora o sexismo ainda persista, observa-se uma valorização crescente do esporte feminino e das atletas como protagonistas, o que evidencia avanços na luta por igualdade de gênero no cenário esportivo brasileiro.

Palavras-chaves: Análise do discurso; Jogos Olímpicos 2024; Empoderamento feminino.

ABSTRACT:

The presence of Brazilian women in sports competitions is the result of a long struggle for inclusion. Since Brazil's debut in the 1920 Olympics with an all-male delegation, to the 2024 Paris Games where women formed the majority, significant progress has been made. This study analyzes the representation of Brazilian female athletes, emphasizing athletic performance over the traditional focus on beauty or seduction. The research highlights judoka Rafaela Silva, beach volleyball champions Ana Patrícia and Duda, and the women's national soccer team, with special attention to Priscila Silva. The methodology includes a literature review and documentary research based on news articles published during the Paris Olympics. The analysis will follow the French Discourse Analysis approach, drawing on theorists such as Maingueneau, Charaudeau, and Orlandi. Results indicate a shift in media portrayal, with increased visibility given to female athletes' achievements and less emphasis on sexist stereotypes. Although sexism in sports media still exists, there is a growing appreciation of women's sports and recognition of female athletes as key figures. These changes point to ongoing progress in the fight for gender equality within Brazilian sports.

Keywords: Discourse analysis; Olympic Games 2024; Women's empowerment.

1. INTRODUÇÃO

Os Jogos Olímpicos, uma das maiores celebrações do esporte mundial, têm suas raízes na Grécia Antiga, onde foram realizados pela primeira vez em 776 a.C. na cidade de Olímpia.

Inicialmente, essas competições eram dedicadas a Zeus, reunindo atletas de várias cidades-estados em um espírito de rivalidade saudável e amizade. As provas incluíam corridas, lutas e competições de pentatlo, refletindo a

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT: E-mail: yasmim.alexandre@unemat.br

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT: E-mail: alice.bressan@unemat.br

³ Professor do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Licenciado em Letras Português/Inglês e Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. E-mail: miguel.rodrigues@unemat.br

importância do corpo e da mente na cultura grega.

Com o passar dos séculos, os Jogos Olímpicos foram desaparecendo, mas em 1896, Pierre de Coubertin reintroduziu o evento, dando início à Era Moderna. Desde então, os Jogos cresceram em escala e diversidade, tornando-se uma plataforma para atletas de todo o mundo, representando suas nações em uma competição amistosa.

Os Jogos Olímpicos representam mais do que apenas uma celebração do esporte. Eles são uma oportunidade para a investigação linguística, um campo que se beneficia da diversidade cultural e linguística presente em eventos globais como este. A linguística é um campo de estudo em constante evolução. Ao analisar a linguagem utilizada nesse contexto, podemos obter resultados interessantes sobre a cultura, a identidade e a comunicação humana. Além disso, os jogos oferecem um vasto material para o desenvolvimento de projetos educacionais que promovam o aprendizado de línguas e a compreensão intercultural.

Historicamente, a participação feminina nos Jogos foi limitada. Até 1900, quando as mulheres competiram pela primeira vez em Paris, suas oportunidades eram escassas, refletindo os padrões sociais da época. No entanto, ao longo do século XX e XXI, houve uma crescente pressão por igualdade de gênero, resultando em uma maior inclusão das mulheres nas competições.

Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, realizados em 2021, marcaram um marco significativo: mais de 48% dos atletas eram mulheres, a maior representação feminina da história olímpica. Essa tendência se reafirma nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, onde as expectativas são ainda mais altas. A edição de 2024 se destacou não apenas pela diversidade de atletas, mas também pela equidade em termos de eventos, já que mulheres e homens competirão em número igual de modalidades. Como destaque, esse artigo traz como representatividade a dupla de vôlei brasileiro Duda e Ana Patrícia. Uma sergipana, de São Cristóvão. A outra, de Espinosa, interior de Minas Gerais. E uma junção que foi formada nas categorias de base. Duda e Ana conquistaram, quando eram adolescentes, a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos da Juventude Nanquim 2014 e dois Mundiais Sub-21. Mas depois disso cada uma seguiu seu caminho com outras parcerias. O time voltou a se reunir três anos atrás, logo depois de Tóquio 2020, realizados em 2021, e a amizade dos tempos de base engatou uma sequência primorosa: além de levarem campeonatos brasileiros, as meninas foram campeãs e vice nos Mundiais adulto (2022 e 2023), campeãs dos Jogos Pan-americanos Santiago 2023. Para completar a coleção, o ouro nos Jogos Olímpicos Paris 2024. Duda Lisboa e Ana Patrícia são líderes mundiais do ranking de vôlei de praia. Juntas, a dupla conquistou a prata no Campeonato Mundial 2022 e repetiu o feito

em 2023, além do ouro nos Jogos Pan-Americanos no mesmo ano.

Ao longo da história, as jogadoras da seleção brasileira têm se destacado no futebol mundial. Marta é um bom exemplo dessa popularidade. Ela foi eleita a Melhor Jogadora do Mundo pela FIFA por seis vezes e se consagrou como a maior artilheira da história das Copas do Mundo. A primeira camisa 10 da seleção feminina, Roseli, estreou na seleção em 1986, época em que a modalidade sofria ainda mais com a falta de reconhecimento. Ela abriu o espaço para outros grandes nomes do futebol como Pretinha, Sissi, Cristiane e muitas outras jogadoras de ouro que representam o Brasil.

Mas falando de modo geral a grande virada feminina do Brasil em edições de jogos

olímpicos ocorreu em Atlanta 1996. Nesta edição veio a primeira medalha de ouro feminina do Brasil com a dupla de vôlei de praia Jacqueline Silva e Sandra Pires vencendo na final as também brasileiras Mônica Rodrigues e Adriana Samuel fazendo uma dobradinha verde-amarela no pódio. Também brilhou a seleção brasileira de basquete comandada por Hortência, Paula e Janeth que conquistou a medalha de prata. No vôlei de quadra feminino após perder a semifinal para Cuba o Brasil venceu a Rússia e conquistou o bronze. Desta forma as mulheres começaram a dar seu recado e abriram as portas para grandes conquistas que viriam no século XXI (Rededoesporte, 2024).

Figura 1 – Medalhistas femininas do Brasil em Atlanta 1996



Fonte: www.uol.com.br

2. METODOLOGIA

O presente trabalho, de caráter científico, é uma pesquisa de abordagem qualitativa com levantamento bibliográfico e seleção de matérias jornalísticas, caracterizada por uma pesquisa que visa explorar mudanças históricas em relação ao protagonismo da mulher nos Jogos Olímpicos

até o presente momento. Este é um estudo descritivo de abordagem qualitativa, realizado por estudantes de graduação do curso de Letras, que busca compreender fenômenos linguísticos a partir de imagens e falas das atletas citadas. Os dados foram encontrados através de notícias e reportagens que buscavam apresentar as críticas

feitas através do uso da linguagem pelas atletas, que podem ser analisados através do seu discurso feito em entrevistas e até mesmo durante os momentos de tensão do evento esportivo.

A escolha de uma abordagem qualitativa permitiu captar informações mais aprofundadas das participantes, no sentido de desvelar o discurso que se faz presente. Nesse sentido, “O discurso são os processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.” (ORLANDI, 2020, p. 19). Sabedoras do nosso estágio inicial como acadêmicas de Letras e tateando sobre a perspectiva da análise do discurso de viés materialista nos encantou a possibilidade de ver tantas coisas ocultas que não enxergávamos, embora sentíssemos. Nosso orientador nos mostrou veredas às quais nós percorremos com muita curiosidade.

Foi estimulante perceber como o dispositivo do discurso se encaixa perfeitamente em nosso tema, pois diz respeito à produção da mulher e de questões a nós intrínsecas como a maternidade, a sexualidade e o trabalho doméstico. E como esta estrutura discursiva se aplica a atletas que estando em ambiente competitivo não deixam de carregar os estereótipos impelidos às mulheres.

Aprender a discussão de multimodalidade em Maingueneau (2015) foi imprescindível para compreender as notícias que circularam via Web em diferentes plataformas

como sites, blogs e redes sociais como Instagram, Facebook e YouTube. E neste processo metodológico também não podemos deixar de lado a importante contribuição da obra de Charaudeau (2019) o qual nos fez entender as estruturas básicas do discurso.

Nosso corpus se fixou em três esportes olímpicos sendo o vôlei de praia com a dupla Ana Patrícia e Duda medalhista de ouro, o judô com a judoca Rafaela Silva medalhista de bronze por equipe e a seleção brasileira de futebol feminino que conquistou a medalha de prata em Paris 2024. A escolha recaiu sobre essas atletas por alguns critérios definidos com nosso orientador: a) serem atletas mulheres que conquistaram medalhas nos jogos olímpicos; b) terem desempenhado algum tipo de conduta que nos propiciasse obter elementos de análise linguística.

Destá forma escolhemos episódios específicos envolvendo estas atletas destas modalidades sobre os quais fizemos a análise: a) a discussão entre a Ana Patrícia e a canadense Brandie Wilkerson na final do vôlei de praia; b) as declarações da judoca Rafaela Silva que afirmou que conquistaria a medalha nem que fosse pela “força do ódio” e c) o incidente envolvendo a jogadora de futebol feminino Priscila Silva que na comemoração de um gol na semifinal olímpica gritou na cara da goleira da seleção espanhola Cata Coll. Assim realizamos nossa análise levando-se em conta a categoria empoderamento feminino.

3. AS ATLETAS BRASILEIRAS NOS JOGOS DE PARIS 2024

Os Jogos de Paris 2024 prometeram ser um evento transformador, celebrando a igualdade de gênero e a inclusão. A presença significativa de atletas femininas não é apenas uma vitória para o movimento esportivo, mas um reflexo das mudanças sociais em curso. Com mais mulheres competindo em diversas disciplinas, como boxe, futebol e esportes aquáticos, os Jogos de Paris representam um avanço importante na luta pela igualdade.

Dialogando com os preceitos da análise do discurso percebemos que a mulher no esporte assim como na sociedade passa por um processo de silenciamento que tem como consequência a invisibilidade. Orlandi (2007) comenta que o silêncio constitutivo atravessa a narrativa feminina. Já (Peter, 2023, p. 45) diz que: “Significa, aí, como a marca de um processo de subalternidade que relega as mulheres ao anonimato [...]”.

Desde 2017, Paris 2024 trabalha lado a lado com seus parceiros para mostrar que um evento deste porte pode ser sustentável se for concebido por homens e mulheres em pé de igualdade. Não se trata de imaginar que podemos mudar o mundo em quatro semanas, mas de produzir um impacto tangível a nível local que vai muito além de 2024 em todo o país. Paris 2024 também quer se destacar os milhares de voluntários que se envolvem para espalhar o

amor pelo esporte o mais longe possível. Além disso, Paris 2024 também destaca a participação de longa data de seus inestimáveis parceiros. À medida que estruturam e apoiam essa imensa onda de espírito comunitário, eles, como nós, entendem que o esporte pode mudar vidas e servirão para manter o legado dos Jogos na França para muito além de 2024.

A representatividade feminina no mundo do esporte é um tema que perpassa décadas de luta por igualdade e reconhecimento. Ao longo dos anos, as mulheres têm enfrentado diversos obstáculos para conquistar seu espaço em um ambiente historicamente dominado por homens. No entanto, apesar dos desafios, muitas atletas têm se destacado e inspirado gerações, provando que talento e determinação não têm gênero.

Figura 2 – Duda e Ana Patrícia comemoram vitória na semifinal nas Olimpíadas de Paris.



Fonte: www.otempo.com.br

Para tanto, a imagem acima que retrata atletas como Ana Patrícia e Duda que garantiram uma vaga na final olímpica de vôlei de praia. Nesse contexto já é significativo, pois a presença de mulheres em competições de alto nível simboliza a luta por igualdade de gênero e a superação de estereótipos. Nessa figura, as jogadoras se encontram em posição de destaque no meio esportivo. Elas se tornam símbolo de inspiração, motivando outras para meninas e jovens que sonham em seguir carreiras esportivas. A presença delas em eventos como as Olimpíadas desafia a visão tradicional de que o esporte é um domínio masculino.

A Análise Materialista do Discurso mostra-se um meio importante de aprofundar o estudo pois “visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos

no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (ORLANDI, 2015, p. 24).

Ao analisarmos a discussão entre a jogadora brasileira Ana Patrícia e a canadense Brandie Wilkerson podemos trazer como ponto de vista uma expressão intensa da rivalidade esportiva. O discurso em torno desse evento pode refletir o orgulho nacional e como os torcedores e a mídia se posicionam em relação às conquistas de suas equipes. Pode-se analisar como as narrativas mudam dependendo da vitória ou derrota.

Figura 3 – Ana Patrícia discutindo com Brandie Wilkerson na final do vôlei de praia

Fonte: www.band.uol.com.br

O vôlei de praia, tem sido considerado um esporte de alto perfil feminino, a qual pode gerar discursos sobre a representação das mulheres no esporte. A forma como a disputa é coberta pela mídia pode evidenciar estereótipos de gênero, especialmente em momentos de conflito, onde emoções e agressividade são destacadas.

Muita coisa podemos depreender dessa imagem, pois não é todo dia que vemos uma mulher negra brasileira de dedo em riste para uma adversária de um país desenvolvido em uma transmissão televisiva “[...] não precisamos retroceder muito no tempo para observarmos que à negra foram dados (quase) sempre papéis secundários nas tramas televisivas: ela apareceu

como a doméstica, a escrava, a prostituta, dificilmente como a mocinha, a heroína da trama (Santos, 2021, p.03).

O dedo apontado exigindo respeito é um grito das mulheres que são vítimas de todo tipo de violência na sociedade. Outra questão que vem a bailar é o debate sobre a beleza feminina tão explorada pela mídia. Ana Patrícia e Duda fogem a esse padrão estético cultivado por outras duplas adversárias. (Netto e Barbão, 2021, p.111) explicam que “na cultura brasileira, as mulheres não são em sua maioria loiras altas e magras, mas sim baixas de pele morena, cabelos castanhos, com corpo curvilíneo e quadris largos”.

Vimos também que esse evento também pode gerar narrativas diferentes nas mídias digitais, pois demonstra como o público distorce e reage em torno de atos de demonstração de agressividade no esporte. Os impactos das redes sociais podem influenciar nas mobilizações preconceitos ou estereótipos culturais, como levantamentos de *hashtags* e *fakenews*. O próprio ato da discussão pode ser interpretado como um paradoxo do que acontece em competições de alto nível, onde a pressão e a tensão estão em seu auge. Isso pode levar a uma discussão mais ampla sobre como os atletas lidam com a competitividade e o estresse. Esses aspectos ajudam a entender não apenas o evento

em si, mas também as dinâmicas sociais e culturais que o cercam.

Na figura 4 em um plano mais aberto vemos uns dos momentos de tensão ocorridos durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Em uma partida do vôlei de praia, a jogadora Ana Patrícia acabou gerando uma discussão intensa contra a jogadora canadense. Podemos observar através da análise do discurso as: expressões corporais, gestos, a forma como se comunica de maneira ríspida, enquanto a jogadora adversária também rebate, o discurso dessa imagem, que demonstra a rivalidade e o instinto de competitividade entre países em grades eventos como este pode ocorrer.

Figura 4 – Discussão tensa entre Ana Patrícia e Brandie Wilkerson



Fonte: www.aloalobahia.com

Imagens como essa também geram grandes dramatização nas mídias sociais, pois retrata a grande opressão que muitos atletas de grande porte são submetidos, pois confrontos como esses podem mexer com o emocional de ambas as jogadoras que ocorrem durante os jogos. Tais momentos, quando bem administrados, muitas vezes mostram a capacidade dos atletas de superarem a adversidade e as tensões, mantendo o foco e a competitividade, o que também simboliza a intensidade e a paixão presentes nas competições olímpicas, onde as emoções muitas vezes vêm à tona.

Aqui temos uma característica muito associada aos homens como prova de sua masculinidade e virilidade e que desta vez pôde aflorar entre as mulheres: a agressividade. Essa vontade de ganhar, “a faca entre os dentes” sempre foi motivo de orgulho quando se tratava de homens competindo. Entre as mulheres só se esperava delicadeza e suavidade. Ver duas guerreiras brigando pela medalha de ouro olímpica foi uma mudança de paradigma. A sociedade forjou novos espaços nos quais a agressividade e a virilidade masculinas devem se manifestar, qual seja, no âmbito público, na competição do mercado, nas empresas (Morgante, 2021). Para as mulheres toda vez que a agressividade se manifestava era tratada como histeria, chlique.

Nas palavras da ex-atleta de voleibol da seleção brasileira Márcia Fu “Está seguindo

exemplo meu. Nada de levar desaforo pra casa” (Youtube, 2024).

Essa afirmação refere um complemento da imagem anterior. Dito isso, Márcia Fu revela alguns aspectos revelados que podem ser aplicados em alguns aspectos sobre a representatividade da mulher no meio esportivo.

Ao citar a seguinte afirmação, a ex-jogadora revela uma postura de firmeza e confiança, motivando outras mulheres a assumirem uma posição de autodefesa, enfatizando o fato de não se sujeitarem a ofensas ou ações desrespeitosas, o que fortalece a noção de empoderamento. E dentro da materialidade discursiva que estamos desvelando, a questão do empoderamento é central (Rossini e Tomé, 2023).

Em outros contextos esportivos, onde as mulheres enfrentam historicamente desafios relacionados a preconceitos e estereótipos de gênero, essa fala é poderosa. Demonstrar que as atletas não devem tolerar discriminações ou atitudes machistas, posicionando-se de forma forte.

"Eu sempre falei para a Patrícia. Eu acho que a gente tem de se sentir livre, leve. E eu acho que a gente se sente confortável com shorts. Outras meninas se sentem confortáveis com biquínis. Eu acho que a gente tem esse poder de escolher o que a gente quer", comentou Duda... (UOL, 2024)

A trajetória de sucesso de Duda e Ana Patrícia no vôlei de praia foi construída à base de muito esforço e alguns percalços que tiveram relevância nesse caminho rumo ao ouro olímpico. Após subir ao topo do Olimpo com a vitória histórica para o Brasil na modalidade, a dupla relembrou as dificuldades e a superação para chegar ao sucesso. E isso incluiu perdas familiares e problemas de saúde.” (Comitê Olímpico do Brasil, 2024).

Sobre o comentário de Duda, podemos fazer uma análise de discurso, a qual expressa uma clara ideia de empoderamento e liberdade feminino. Quando a jogadora menciona o direito de escolha do que vestir, seja shorts ou biquíni, a atleta enfatiza o seu poder de preferência de conforto pessoal, o que foi fundamental para o cenário esportivo, a qual o geralmente corpo feminino se torna alvo de aliciamento.

As transmissões esportivas têm prevalência de cinegrafistas e fotógrafos homens e o excesso de imagens em close de mulheres foi alvo de críticas e repreensão por parte da organização dos jogos. “Infelizmente, em alguns eventos, elas [as mulheres] estão sendo filmadas de um modo que pode identificar que os estereótipos e o sexismo ainda existem, pela forma como alguns operadores de câmera enquadram de forma diferente os atletas homens e mulheres” (CNN, 2024).

O discurso de Duda sobre liberdade e escolha no vôlei de praia reflete uma transformação maior na forma como as mulheres estão redefinindo suas identidades dentro dos esportes, especialmente em arenas de grande visibilidade como os Jogos Olímpicos. Ao

mesmo tempo, a trajetória dela e de Ana Patrícia demonstram como essas conquistas são construídas com base na resiliência diante de desafios pessoais e profissionais. A representatividade feminina nos Jogos Olímpicos não apenas abre portas para futuras gerações de atletas, mas também continua a moldar conversas sobre equidade, empoderamento e respeito às escolhas das mulheres. Para isso “é necessário nos afastarmos do materialismo ocidental e partir de uma perspectiva de observação e intervenção voltadas aos epistemes de raça, classe, gênero, sexualidade e demais diversidades, como ruptura dos padrões eurocêtricos” (Marinho, 2023, p.499).

Sobre o uso de shorts esse passou a ser possível após os jogos olímpicos de Atenas em 2004. Antes disso as atletas femininas eram obrigadas a usar os biquínis. E isso não apenas uma questão de roupa e sim de empoderamento.

Na cultura ocidental, foi por volta da era vitoriana (1837-1901) que grupos anteriores aos movimentos feministas, começaram a lutar pelo direito de a mulher usar roupas mais confortáveis, como calças, nos lugares dos pesados vestidos e saias. Vista com bastante preconceito, por ser uma peça “exclusivamente” masculina, a calça só entrou de vez na moda industrial feminina, por volta da segunda guerra mundial (Júnior, 2023, p. 147-148)

Rafaela Silva, durante as olimpíadas, teve um desenvolvimento midiático muito bem construído, depois de ser proibida de lutar judô por 2 anos, seu retorno ao esporte foi cheio de

emoções. A princípio, a modalidade é mais conhecida no parâmetro masculino por ser uma luta que envolve corpo a corpo e força estrutural, Rafaela comenta que quando criança sempre relatava meninas que desistiam do esporte por

ser em volta de uma estrutura "masculina" e poder quebrar essa imagem criada de que o judô é uma modalidade para homens é muito importante para a medalhista.

Figura 5 – Judoca Rafaela Silva nos Jogos Olímpicos de Paris2024



Fonte: www.acidadeon.com

"Assim como quando eu era mais nova via muitas meninas saírem do judô⁴ porque falavam que o corpo estava muito musculoso, que elas não estavam gostando, que não podiam ter a unha grande porque não dava para segurar no quimono, e acabava desistindo de um sonho ou de um objetivo. Então, poder mostrar para as

pessoas que a gente pode ser mulher, pode ser atleta de alto rendimento, pode ser uma medalhista olímpica... É muito importante poder inspirar outras pessoas a irem atrás dos seus sonhos"... (UOL, 2024)

Rafaela Silva competiu com a adversária japonesa, Haruko Funakubo, pela terceira

⁴ O judô é o único esporte olímpico em que o Brasil conquistou mais títulos com mulheres do que com homens. O país foi campeão em Seul/1988 com Aurélio

Miguel e Barcelona/1992 com Rogério Sampaio. Conquistou em Londres/2012 com Sara Menezes, Rio/2016 com Rafaela Silva e Paris/2024 com Bia Souza.

posição para adquirir a medalha de bronze, alcançando até o Golden score onde a competição se estendeu por cinco minutos. O resultado da competição entrega que a judoca havia sido derrotada por um movimento irregular, sendo punida imediatamente.

A judoca acabou cometendo uma falta dentro da competição que foi adicionada no ano de 2022, pela Federação Internacional de Judô, que é a proibição do mergulho de cabeça no tatame que ocorre quando o competidor tenta usar mais força e encaixar um golpe com a cabeça.

Figura 6 – Rafaela Silva perde disputa do bronze para japonesa no judô



Fonte: www.lance.com.br

Apesar de enfrentar um grande sentimento de frustração após ter sido desclassificada da competição individual, a judoca é novamente selecionada para a competição de equipes. Ela afirma que quando recebeu a notícia da desclassificação precisou tomar um tempo para si mesma, o que foi importante para o que ela enfrentaria futuramente. Rafaela Silva entra em cena para competir pelo bronze na competição de equipes,

e segundo ela, sua adversária demonstrava movimentos inseguros:

Geralmente, quando sorteia o atleta que vai lutar, ele permanece no tatame e o restante sai. E eu vi que a italiana desceu junto com a equipe e foi beber água, e aí eu já pensei: 'Ela está se cagando'. Era o Golden score, então qualquer pontuação já resolvia a luta, fui para definir. Durante a luta anterior, vi que ela me deixava numa posição confortável para entrar meu golpe e eu aproveitei a primeira oportunidade de conseguir marcar o ponto (UOL, 2024).

A história de Rafaela Silva tomou visibilidade novamente após seu sucesso nas Olimpíadas de Paris 2024, também inspirando

muitas mulheres a perseguirem seus sonhos independentemente do preconceito imposto pela sociedade. Mas sua trajetória de sucesso não começou ali. Ela já havia sido desclassificada de

uma olimpíada em Londres 2012 por uma catada de perna, golpe irregular. A judoca superou as dificuldades na sua casa ao ser campeã olímpica no Rio 2016.

Figura 7 – Rafaela Silva ganhou a medalha de bronze nas Olimpíadas 2024.



Fonte: sitewww.br.bolavip.com

A judoca Rafaela Silva, se demonstra muito grata por todo o apoio recebido de sua equipe e dos brasileiros. Ela comenta que, depois de ter sido desclassificada, seus parceiros de equipe conversavam com ela sobre disputarem a medalha na competição em dupla o que a deixou mais confiante e com mais sede de garantir a medalha para o seu país.

Com certeza foi especial, bati na trave cheguei até à semifinal no individual e fiquei sem medalha. A gente conversando todos os dias, quando ia almoçar, jantar, se encontrava na vila e a gente falava: "Essa medalha é nossa, nem que a gente esteja na base do ódio, essa medalha é nossa". A gente não poderia sair daqui sem essa medalha. Poderia ter acabado antes com o ponto de cada um, mas Deus colocou essa última luta na minha mão e eu consegui sair com essa vitória, (UOL, 2024).

Rafaela cativou o povo brasileiro e nos emocionou com a sua vitória depois de ter ficado fora por dois anos, representando as mulheres em um esporte onde a força física é o principal requerimento e contribuindo para que o mundo feminino se adentre cada vez mais na categoria esportiva, independente do que a sociedade pontua.

Esta judoca se tornou personagem de nossa abordagem por agregar diversos aspectos que impõe sobre ela uma narrativa preconceituosa: mulher, negra, moradora da comunidade Cidade de Deus no Rio de Janeiro e praticando um esporte individual. Ela assim como a dupla de vôlei de praia encarnou o espírito de guerreira olímpica. Ao dizer que ganharia

a medalha nem que fosse “na força do ódio” ela inspirou mulheres que não desistem da luta.

Figura 8 – Jogadora brasileira comemora gol gritando na cara de goleira espanhola em Paris 2024



Fonte: sitewww.matraqueiro.com.br

Falando agora de um esporte coletivo totalmente identificado com a cultura brasileira como sendo masculino e cuja história foi de repressão à sua prática pelas mulheres. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. A frase é do artigo 54 do Decreto-lei 3199, de abril de 1941, durante o período em que Getúlio Vargas governava o país (Pereira e Garboggini, 2021, p.72). E de que natureza estão falando.

Para Engels (2019), a sociedade capitalista industrial do século XIX já apontava para a opressão da mulher no seio familiar na qual desenvolvia um tipo de trabalho sem

qualquer remuneração que era o trabalho doméstico. Essa realidade que também está presente na contemporaneidade leva as mulheres a terem dupla ou tripla jornada de trabalho, justo elas que foram impedidas de praticar futebol por sua suposta fragilidade natural. É importante observar que a divisão entre serviço doméstico e serviço remunerado tem início com a Revolução Industrial que separou em polos antagônicos a produção privada/doméstica e a produção pública/mercado (Souza e Mendonça, 2017).

Assim falar de futebol no Brasil não é apenas falar de um jogo, de um desporto, falar de futebol é tocar na desigualdade e nos papéis sociais historicamente delimitados para homens e mulheres.

Desse modo o comportamento feminino, ou seja, o seu papel, ao longo da história, foi pautado por representações. Sendo possível afirmar que as imagens daquilo que se tem dos sujeitos homens e mulheres são construídas a partir dos lugares sociais e redes de sentidos a que se filiam os protagonistas dos discursos e dos processos sócio-históricos que amparam o surgimento desses discursos (Demarco, 2023, p.169).

Especificamente sobre os jogos de Paris 2024, um acontecimento ficou registrado e se tornou motivo de muitos comentários ao redor do mundo. No jogo da semifinal, a seleção brasileira de futebol feminino se destacou em um momento de zombaria por parte da jogadora Priscila. A atacante não se conteve após o primeiro gol dentro da competição e como comemoração a reação de Priscila Silva foi gritar no rosto da goleira, Cata Coll, da seleção

espanhola. A imagem repercutiu pelas redes sociais e se tornou um marco nas Olimpíadas de Paris de 2024 por revelar a competitividade dentro do esporte feminino.

Ao término do jogo, a atacante Priscila conta que a rivalidade entre as equipes já estava acontecendo antes do jogo se iniciar tendo como consequência a reação impulsiva da jogadora após o gol contra. "No corredor, antes da gente entrar para o campo, as coisas aconteceram ali. Elas estavam rindo, debochando, estavam falando que a gente estava com medo delas. Isso acabou me afetando. Jogador vive de emoção", contou Priscilla em entrevista. (Correio 24 horas, 2024)

Figura 9 – Disputa tensa entre a seleção brasileira feminina contra seleção espanhola.



Fonte: sitewww.cnnbrasil.com.br

Na figura 9 conseguimos observar um momento de tensão entre as jogadoras de time adversários, situações como essa quebram o paradigma de mulheres no esporte e até mesmo em situações cotidianas, isso ocorre pois ainda atualmente as mulheres são vistas como pessoas sensíveis e que não aguentam a convivência dentro de um contexto competitivo por muitas vezes não optarem pela violência verbal. Com a desmistificação dessa visão de sensibilidade e meiguice por parte das mulheres os esportes que são praticados por elas, principalmente o futebol, são levados mais à sério.

Mais uma vez a TV e a internet estavam mostrando uma cena incomum. Mulheres quase indo às vias de fato em rede nacional. Este tipo de cena tão comum no futebol entre os homens mostrou que nas mulheres também corre sangue nas veias. A discriminação sofrida pelas brasileiras por parte das espanholas com sua arrogância que simbolicamente remete ao papel do colonizador europeu elevou a rivalidade a níveis estratosféricos. E diante disso o grito de Priscila na cara da goleira Cata Coll foi simbolicamente o grito de um povo que não aceita mais a imposição da cultura europeia, não se sujeita mais ao eurocentrismo.

As meninas da seleção brasileira de futebol feminino revelaram que estavam irritadas pelos comentários feitos antes da competição se iniciar, e que isso influenciou no comportamento delas durante o jogo, mas conseguiram superar e posteriormente levaram a

medalha de prata para casa. “Não foi só uma vitória. Foi um baile. Ontem, a seleção brasileira feminina surpreendeu mais uma vez e bateu a campeã mundial Espanha por 4 a 2. A vitória valeu a classificação para uma final olímpica após 16 anos e, de quebra, garantiu a 14ª medalha do Brasil em Paris-2024, dez delas conquistadas pelas mulheres...” (O Globo, 2024).

A análise das representações das mulheres brasileiras nas Olimpíadas de Paris 2024 revela avanços significativos na luta por igualdade de gênero no esporte. A trajetória de atletas como Rafaela Silva, Duda e Ana Patrícia, bem como Priscila da seleção brasileira feminina de futebol, evidencia não apenas conquistas esportivas, mas também o impacto transformador dessas mulheres como símbolos de resistência, empoderamento e superação de estereótipos.

Apesar dos progressos, o artigo mostra que ainda há desafios a serem enfrentados, como o sexismo persistente e as distorções midiáticas que priorizam aspectos físicos em detrimento das conquistas esportivas. No entanto, a mudança na abordagem da mídia e o foco crescente nas realizações das atletas indicam um movimento promissor em direção a uma representação mais justa e equilibrada.

Assim, conclui-se que o protagonismo das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos de 2024 é reflexo de uma luta histórica por inclusão e reconhecimento, servindo como inspiração

para futuras gerações. A continuidade desse avanço requer esforços coletivos, desde políticas públicas de incentivo ao esporte feminino até uma cobertura midiática mais consciente e igualitária, reforçando a importância de espaços onde a competência esportiva seja o principal critério de valorização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar os desafios da presença das mulheres brasileiras em competições esportivas, que são impostas como modalidades voltadas apenas para o público masculino, construindo uma visão sexista sobre as esportistas. Os resultados obtidos confirmaram as hipóteses iniciais, demonstrando a evolução do protagonismo da mulher no eventos esportivos como por exemplo em uma das entrevistas feita com as atletas Duda e Ana Patrícia que ela comenta sobre o novo código de vestimenta, que atualmente as mulheres tem poder escolha sobre o uniforme, podendo escolher conforme sua preferência.

Esse estudo colabora para o campo linguístico, que ao evidenciar através da análise do discurso, os impactos feita por uma visão misógina, colocando as mulheres em uma posição de fragilidade por não concorrer em esportes descritos como “agressivos”, tirando suas oportunidades de reparação histórica, voz e evolução no mundo dos esportes.

Podemos constatar que a agressividade não é apenas uma característica masculina e que as mulheres a demonstram em sua vontade de vencer, na competitividade, na resiliência e na luta cotidiana dentro e fora do esporte.

Dessa forma, vemos que a luta pela representatividade da mulher no mundo dos esportes ainda deve se manter em discussão, que dever ser deixado de ser uma ideia utópica, caminhando para uma construção de pensamento inclusivo e eficaz.

Consideramos que o principal resultado deste trabalho foi mostrar que as atletas brasileiras podem ser muito mais que musas e devem ocupar um lugar de protagonismo. Nas Olimpíadas de Paris 2024 as mulheres brasileiras conquistaram 11 das 20 medalhas do país, um desempenho melhor que o dos homens pela primeira vez nos jogos. Muitos foram os destaques como Rebeca Andrade na ginástica artística, Bia Souza no judô, Tatiana Weston Web no surfe, Ana Patrícia e Duda no vôlei de praia, Beatriz Ferreira no boxe e Rayssa Leal no skate. Guerreiras olímpicas de um país que ainda tem um longo caminho a percorrer no que diz respeito aos direitos das mulheres.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2019

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL, **cob**. Disponível em:

<https://www.cob.org.br/time-brasil/medalhistas-olimpicos/rafaela-lobes-silva>

CORREIO24HORAS, **correio24horas**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/esportes/atacante-do-brasil-explica-grito-na-cara-de-goleira-da-espanha-estavam-debochando-da-gente-0824>

DEMARCO, Ângela Maria de Almeida. Violência doméstica contra as mulheres: análises de discursos das/sobre políticas públicas e suas aplicabilidades no Estado de Mato Grosso no contexto jurídico *IN*: Flores, Giovanna Benedetto (org.) et al. **Discurso, Cultura e Mídia: Pesquisas em rede** – Volume 5. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

ENGELS, Friedrich. (1884). **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOLHA VITÓRIA, **folhavoria**. Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/esportes/noticia/07/2024/entenda-a-regra-polemica-que-fez-rafaela-silva-perder-bronze-no-judo-em-paris-2024>

<https://www.folhavoria.com.br/esportes/noticia/07/2024/entenda-a-regra-polemica-que-fez-rafaela-silva-perder-bronze-no-judo-em-paris-2024>

GLOBO ESPORTE, **eg**. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://ge.globo.com/google/amp/olimpiadas/noticia/2024/08/03/rafaela-silva-decide-e-conduz-brasil-ao-bronze-por-equipes-no-judo-nem-que-seja-na-base-do-odio.ghtml&usg=AOvVaw32K83pAJ7Nlrthvy4ZRO-n>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/03/rafaela-silva-decide-e-conduz-brasil-ao-bronze-por-equipes-no-judo-nem-que-seja-na-base-do-odio.ghtml>

<https://ge.globo.com/rn/olimpiadas/noticia/2024/08/13/medalhista-olimpica-que-viralizou-com-provocacao-a-goleira-da-espanha-e-recebida-com-festa-em-natal.ghtml>

<https://ge.globo.com/google/amp/rn/olimpiadas/noticia/2024/08/07/quem-e-priscila-atacante-que-viralizou-com-provocacao-a-goleira-da-espanha.ghtml>

<https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2024/08/16/com-a-prata-nas-olimpiadas-selecao-feminina-sobe-no-ranking-da-fifa-veja-o-top-10.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/03/rafaela-silva-decide-e-conduz-brasil-ao-bronze-por-equipes-no-judo-nem-que-seja-na-base-do-odio.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/09/na-final-do-volei-de-praia-ana-patricia-discute-com-canadense-e-aponta-dedo-assista.ghtml>

<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/10/as-estrelas-de-paris-mulheres-ganham-12-das-20-medalhas-e-os-tres-ouros-do-brasil-nas-olimpiadas.ghtml>

JÚNIOR, Aélton Alves de Melo. Neoliberalismo e a discursividade sobre empoderamento feminino nas princesas da Disney *IN*: Flores, Giovanna Benedetto (org.) et al. **Discurso, Cultura e Mídia: Pesquisas em rede** – Volume 5. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírio Possenti. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

MARINHO, Pedro Henrique Ribeiro Santos Messias. Mavambo: discursividades, efeitos de

sentido e dicionarização informal. *IN*: Flores, Giovanna Benedetto (org.) et al. **Discurso, Cultura e Mídia: Pesquisas em rede** – Volume 5. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

METRÓPOLES, **metrópoles**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/olimpiadas-2024/ana-patricia-briga-canadense>

MORGANTE, Mirela Marin. Identidade masculina e agressividade: limites para o enfrentamento da violência de gênero. *IN*: **Revista Ars Historica**, ISSN 2178-244X, nº 9, p. 138-153. | www.historia.ufrj.br/~ars/

NETTO, Miguel Rodrigues; BARBÃO, Débora de Andrade. Política editorial e padronização da beleza: o enquadramento da mulher sob efeito midiático. *IN*: NETTO, Miguel Rodrigues (org.). **Políticas públicas, mídia e sociedade: debates contemporâneos**. São Paulo: Bookerfield, 2021.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed., Campinas: Pontes Editores, 2020.

PEREIRA, Camila Augusta Alves; GARBOGGIN, Luíza Sá Barbosa. A obrigação explica o desenvolvimento: clubes cariocas e o futebol feminino em 2019. *IN*: NETTO, Miguel Rodrigues (org.). **Políticas públicas, mídia e sociedade: debates contemporâneos**. São Paulo: Bookerfield, 2021.

PETER, Bianca Martins. Dando corpo ao silenciamento, significando mulheres: uma análise do perfil de *instagram* @reliquia.rum *IN*: Flores, Giovanna Benedetto (org.) et al. **Discurso, Cultura e Mídia: Pesquisas em rede** – Volume 5. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

Rossini, Patrícia Cintra Vasconcelos; Tomé, Cristinne Leus. SEU CABELO TEM MAIS

FORÇA DO QUE VOCÊ IMAGINA! *IN*: Flores, Giovanna Benedetto (org.) et al. **Discurso, Cultura e Mídia: Pesquisas em rede** – Volume 5. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2023

SANTOS, Giceli Ribeiro dos. O não – lugar da mulher negra na sociedade brasileira: em busca de uma nova perspectiva. *IN*: **IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação** – Universidade do Vale do Paraíba. São Paulo: Unesp, 2021

SOUZA, Diego de Oliveira; MENDONÇA, Henrique Pereira Freitas de. Trabalho, ser social e cuidado em saúde: abordagem a partir de Marx e Lukács. **Interface Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 21, n. 62, p. 543-552, 2017.

TERRA-PORTAL DE NOTÍCIAS, **terra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/brasil/olimpiada-atacante-do-brasil-explica-grito-para-goleira-da-espanha,67ce98ddc79bd60ddfe5a9c07ca570cb896f8wfu.html>

https://www.terra.com.br/esportes/brasil/olimpiada-atacante-do-brasil-explica-grito-para-goleira-da-espanha,67ce98ddc79bd60ddfe5a9c07ca570cb896f8wfu.html?utm_source=clipboard#google_vignette

UOL-ÚLTIMAS NOTÍCIAS, **uol esportes**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2024/08/03/rafaela-silva-judo-bronze.htm?cmpid=copiaecola>

UOL ESPORTES, **uol esportes youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iVp0eAGDtJQ>